

TOPOFILIA E TOPOFOBIA: ENTRE A GEOPSIKOLOGIA E A PSICOGEOGRAFIA

TOPOPHILIA AND TOPOPHOBIA: BETWEEN GEOPSYCHOLOGY AND PSYCHOGEOGRAPHY

TOPOFILIA Y TOPOFOBIA: ENTRE LA GEOPSIKOLOGÍA Y LA PSICOGEOGRAFÍA

Jahan Natanael Domingos Lopes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail: jahan_natanael@hotmail.com

RESUMO

Entrama-se constituir a Psicologia socioespacial através da circularidade entre o espaço e a psique. Desse modo, versa-se circular entre a Geografia psicológica, através da orientação geopsicológica (do espaço à psique) e a Psicologia geográfica, conforme o percurso psicogeográfico (da psique ao espaço). Assim, unem-se, de modo multidisciplinar, psicologia e geografia ao sentido de profusão à existência geográfica. Nesse passo, do espaço à psique, constitui-se, através da neurociência, a concepção do sistema límbico – com ênfase ao hipocampo e às amígdalas – em abertura da espacialidade para a lugaridade (topofílica e topofóbica) sob a égide da neuro-geografia crítica. Isto é, as orientações do entorno social e do corpo cerebral em constituição da psique de modo a situar e a relacionar pelo espaço, em suas desigualdades, a saúde da psique. Ademais, atenta-se, da psique ao espaço, a concepção poética do espaço além (de uma obra) e do espaço extra-além (de cada personagem de uma obra); ao intento crítico da urbanofobia/urbanofilia para o planejamento socioespacial. Também, aludem-se à agorafobia/agorafilia e à claustrofobia/claustrofilia aos sentidos das emoções de apinhamento e de espaciosidade na formação do mundo irradiado da existência geográfica. Extrapola-se, portanto, o espaço físico ao prumo do espaço psicológico pela psicologia espacial que, permeada pelo social, alicerça a compreensão da psique-socioespacial.

PALAVRAS-CHAVE: pensamento geográfico; Psicologia; Neurociência; espaço; lugar.

ABSTRACT

The socio-spatial psychology was constituted through the circularity between space and the psyche. Thus, it is circular between psychological geography, through geopsychological orientation (from space to psyche) and geographic psychology, according to the psychogeographic path (from psyche to space). Thus, psychology and geography are together in a multidisciplinary way to the sense of profusion to geographic existence. In this step, from space to the psyche, the conception of the limbic system – with emphasis on the hippocampus and tonsils – in opening spatiality to place is constituted through neuroscience under the aegis of critical neuro-geography. That is, the orientations of the social environment and the brain body in constitution of the psyche in order to situate and relate, in yours inequalities, the health of the psyche by space. Moreover, from the psyche to space, the poetic conception of space beyond (a work) and the extra-beyond space (of each character of a work); to the critical intent of urbanphobia/urbanphilia for socio-spatial planning. Also, they allude to agoraphobia/agoraphilia and claustrophobia/claustrophilia to the senses of crowding and space emotions in the formation of the irradiated world of geographical existence. Therefore, the physical space is extrapolated to the plumb of psychological space by spatial psychology that, permeated by the social, underpins the understanding of the psyche-socio-spatial.

KEYWORDS: geographical thinking; Psychology; Neuroscience; space; place.

RESUMEN

Entramos a constituir la psicología socioespacial a través de la circularidad entre espacio y psique. De este modo, nos movemos entre la geografía psicológica, a través de la orientación geopsicológica (del espacio a la psique) y la psicología geográfica, según el recorrido psicogeográfico (de la psique al espacio). Así, la psicología y la geografía se unen, de manera multidisciplinar, con el sentido de profusión a la existencia geográfica. En este paso, del espacio a la psique, a través de la neurociencia, la concepción del sistema límbico se constituye – con énfasis en el hipocampo y las amígdalas – en abrir la espacialidad al lugar (topofílico y topofóbico) bajo la égida de la neurogeografía crítica. Es decir, las orientaciones del medio social y del cuerpo cerebral en la constitución del psiquismo para situar y relacionar a través

del espacio, en sus desigualdades, la salud del psiquismo. Además, se atiende, desde la psiquis al espacio, a la concepción poética del más allá (de una obra) y del extra-más allá (de cada personaje de una obra); a la intención crítica de la urbanofobia/urbanofilia para la planificación socioespacial. Asimismo, la agorafobia/agorafilia y la claustrofobia/claustrofilia son aludidas a los sentidos de las emociones de hacinamiento y espaciosidad en la formación del mundo irradiado de la existencia geográfica. Por tanto, el espacio físico es extrapolado a la plomada del espacio psicológico por la psicología espacial que, permeada por lo social, sustenta la comprensión de lo psique-socioespacial.

PALABRAS CLAVE: pensamiento geográfico; Psicología; Neurociencia; espacio; lugar.

1. INTRODUÇÃO

Embora todos os nossos sentidos tenham uma ligação com o corpo, alguns são mais materiais, como o tato, o ouvido, a vista, o olfato, o gosto. Outros têm menor ligação com o corpo, como a memória, a inteligência, a vontade. É onde a alma concentra seu maior poder.

(Rotterdam, 2017, p. 106)

A relação entre psicologia e espaço abre-se em sentido de se conceberem diversas correlações geográficas. Pode-se dizer tanto em uma Geografia psicológica, em conformidade com a geopsicologia, quanto uma Psicologia geográfica, ao sentido da psicogeografia (CAMARGO, 2020; LOPES, 2022b). Disso, permite-se dispor compreensão para uma psicologia do espaço assim como de um espaço da psicologia. Ademais, tem-se a relação, em abertura da espacialidade, de uma Psicologia espacial (a psique do espaço) pela psicologia do espaço e, também, de um Espaço psicológico (o espaço da psique) pelo espaço da psicologia. Desse modo, atenta-se às palavras iniciadas por maiúsculas como as categorias e às com minúsculas conceitos. São, pois, circularidades possíveis de serem configuradas em imbricações de diversos sentidos à compreensão da inter-relação da Psicologia para com a Geografia na imputação do espaço.

Ao pensamento para a interpenetração, do que vem a ser a Geografia psicológica, percebe-se uma visão do espaço na psique. Isto é, alude-se ao modo que a espacialidade está incrustada na própria psique. Aventura-se à Antiguidade para estabelecer sua origem: “A geografia psicológica possui, sob vários nomes, alguns títulos de nobreza. Ela nasceu com literatura grega. Indicada em Homero, o harmonioso patrono dos geógrafos, dá uma virada já séria nos Logógrafos do quinto século”¹ (HARDY, 1939, p. 14). De um espaço mítico, encontra-se, com as viagens (a partir do século

¹ Tradução livre de: “La géographie psychologique possède, sous des noms divers, d’adppréciables titres de noblesse. Elle naît avec la littérature grecque. Indiquée chez Homère, harmonieux patron des géographes, ele prend une tournure déjà sérieuse chez les Logographes du V siècle [...]”.

V a.C.), um espaço vivido para fundamentar uma maior objetividade ao pensamento embebido de subjetividade. Com isso, desvela-se, por exemplo: “As espantosas vitórias dos homens na luta contra o espaço, desde a invenção da locomotiva e do navio a vapor e, mais recentemente, o triunfo da aviação, tiveram consequências psicológicas [...] Nossos filhos não fazem mais da distância a imagem que nós fazíamos.” (SORRE, 1984, p. 82). Concebe-se, pois, que, para a psique, o espaço é distorcido e tensionado à medida que seu contexto é aferido, permitindo uma maior maleabilidade espacial em prol de uma maior objetividade à compreensão do sentido psicológico.

Em vista de se aprofundarem as concepções aqui instigadas, vê-se, primeiro, a noção de Psicologia geográfica defronte à psique no espaço. Guia-se ao que: “A psicologia geográfica tenta unir a pesquisa entre as áreas da psicologia e outras disciplinas, investigando a organização espacial e a representação geográfica dos fenômenos psicológicos e os mecanismos que orientam esses processos.”² (RENTFROW, 2014, p. 1). Encontra-se uma investigação dos fenômenos espaciais constituídos a partir da psique humana. Busca-se, a exemplo, compreender “[...] como os aspectos do ambiente social e físico influenciam e interagem com a saúde, o bem-estar, a pró-socialidade, a identidade, a criatividade e a orientação para a comunidade.”³ (RENTFROW, 2014, p. 2). Dessarte, apreende-se uma trama de relações para com o espaço – físico e social – em correlação para a formação da psique em sua abertura ao entorno circundante.

Para alcançar a compreensão geopsicológica, aborda-se acerca do sentido dado à *Geopsique* do médico e catedrático de psicologia W. Hellpach (1967) – em primeira edição de 1911. Esse autor é um dos pioneiros em estudos de psicologia ambiental, investigando, entre 1889 e 1900, sobretudo, a cidade de Leipzig, relacionando o sistema nervoso e a cultura e, inclusive, a variação dos ruídos ferroviários em relação à cultura (SANZ, 2018, p. 10). Afirma-se, adicionalmente, que “Hellpach divide o ambiente em três círculos: ambiente natural ou ambiente de ‘fatores geopsicológicos’; comunidade ou ambiente de ‘fatores psicossociais’ e o ‘mundo construído’ – o qual, posteriormente, ele chamará de ‘tecnopsicologia’.” (POL, 2006, p. 97). Percebe-se, nisso, a concepção de um sentido que visa, da psique à orientação do espaço, a uma espacialidade maleável defronte às

² Tradução livre de: “*Geographical psychology attempts to bridge research across areas of psychology and other disciplines by investigating the spatial organization and geographical representation of psychological phenomena and the mechanisms guiding those processes.*”

³ Tradução livre de: “[...] *how aspects of the social and physical environment influence and interact with health, well-being, prosociality, identity, creativity, and community orientation.*”

situacionalidades psicológicas, o que permite a observação da geopsique em uma movimentação característica do sentido da Geografia psicológica.

Díspar, em outro vislumbre, encontra-se a compreensão psicogeográfica alicerçada pelo filósofo G. Debord (2003) advinda do grupo Internacional Situacionista (SI), sendo um de seus precursores. Adentra-se, a partir da década de 1950, na vanguarda modernista em vista de instigar o pujante fenômeno urbano, nisso: “O conceito de psicogeografia foi criado em 1955 por Guy Lous Debord” (BOMFIM, 2020, p. 192). Orienta-se, desse modo, que: “A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos.” (DEBORD, 2003, p. 39). É, por esse prisma, portanto, que a psicologia geográfica orienta a precisão do espaço para a concepção da psique, introjetando-a para transformá-la. Assim, percebe-se estar, a Psicogeo, em prumo próximo do sentido caracterizado pela Psicologia geográfica.

Através da psicologia genética, encaminha-se, conforme J. Piaget (1896-1980), a instruir a relação espacial ao processo cognitivo. Nesse sentido, é instruído a partir da psicologia infantil que “J. Piaget mostrou como ela estava em formação contínua, de experiência em experiência, de etapa em etapa, numa adaptação progressiva das estruturas da inteligência a situações sucessivas. Este é particularmente o caso da psicologia do espaço.”⁴ (FRÉMONT, 1999, p. 64-65). Com isso, estimula-se pensar na vivência experiencial perante a espacialidade, em visão da psique alojada na irradiação do espaço que é aberto. Inserta-se, também, ao que “cabe ressaltar que as interpretações também são estabelecidas por diferentes prismas, em direção ao representativo/simbólico, que se situam na base da relação **sujeito/signo/imagem**.” (KOZEL, 2013, p. 59, grifo do autor). Disso, tem-se o Espaço psicológico, segundo a constituição a partir da subjetividade e da intersubjetividade. Alude-se, pois, à concepção da psicologia do espaço.

Outrossim, inverte-se da psique ao espaço, agora do espaço à psique, movimento construído por Y. Tuan (1930-2022) que se pruma conforme o mundo circundante entrama-se na concepção psicológica. Consente-se a exemplificação entre: “Psicologia espacial e simbolismo [...] O espaço aberto significa liberdade, promessa de aventura, luz, o domínio público a beleza formal e mutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida

⁴ Tradução livre de: “J. Piaget a montré comme celle-ci était en formation continue, d’expérience en expérience, d’étape en étape, en une adaptation progressive des structures de l’intelligence aux situations successives. Ainsi en est-il particulièrement de la psychologie de l’espace.”

biológica.” (TUAN, 2012, p. 49-50). Nisso, há a complexidade do entorno que também é devoluto às orientações da psique, da espacialidade objetiva à subjetividade que se objetiva. Encarta-se nesse prumo a Psicologia espacial, segundo a constituição a partir da objetividade e da interobjetividade. Este é, portanto, o espaço da psicologia.

Nesse caminho, elucidadas as interconexões existentes entre a Psicologia e a Geografia, encontra-se assim o percurso do espaço à psique e da psique ao espaço: não como dois caminhos, mas uma imbricação dual que fenomenologicamente interpenetra-se entre si mesmos. Esse rumo metodológico, guiado em dois movimentos acrescidos, isto é, em primeiro, corresponde à circularidade entre os dois conceitos (espaço e psique) e, em segundo e simultâneo, à introjeção social à espacialidade, constitui-se, com isso, a Psicologia socioespacial (LOPES, 2022b). Por intermédio dela, trabalhar-se-ão a geopsicologia e a psicogeografia em interpenetração comunicativa, tendo como escopo a constituição da existência geográfica.

Ademais, nessa concepção, aprofundar-se-ão em especificidade aos conceitos existenciais dos sentimentos: de Topofilia (TUAN, 2012), dos horizontes fílicos ao espaço lugarizado e, outrossim, de Topofobia (TRIGG, 2017), aos horizontes fóbicos ao espaço lugarizado; em busca de suas orientações psico-socioespaciais. Afere-se, assim, à lugaridade em sentidos fílicos e fóbicos como compenetração específica ao choque do espaço psicológico para com a psicologia do espaço – a ser discutido neste trabalho multidisciplinar. Ressalta-se, portanto, a profusão da ontologia do espaço como lugar, e isso em imbricações que tecem a experiencialidade e a existencialidade do Mundo geográfico.

2. DO ESPAÇO À PSIQUE

Quereis ensinar geografia a essa criança, e lhes oferecis globos, esferas, mapas; quantas máquinas! Por que todas essas representações? Por que não começais por lhe mostrar o próprio objeto, para que ela saiba pelo menos do que estais falando?
(Rousseau, 2014, p. 216)

À guisa de caminhar para a psicologia geográfica, ao contra-irradiado da existência geográfica que se abre ao mundo, versa-se a concepção do corpo imerso no meio ambiente. Dessarte, é-se o rumo da Geografia da percepção: “As sensações, necessariamente passam pelos *filtros culturais e individuais* para se tornarem percepções. A *percepção* só se dá no córtex cerebral, em um determinado momento correspondente à sensação.” (OLIVEIRA, 2012, p. 57, destaques da autora). Com isso, penetra-se pensar na neurociência à perspectiva de uma compenetração à neurologia

geográfica. Isso posto, à vista da profusão a ser discutida: “Não devemos nos esquecer que o despertar de sentimento topofílico, também apresenta seu reverso: o sentimento topofóbico.” (OLIVEIRA, 2012, p. 70). Assim, concebe-se uma correção cognitiva da geografia circundante ao embate percipiente à percepção do entorno e, ademais, alicerçando-se aos sentimentos despertados de topofilia e de topofobia.

De modo primeiro, tem-se a concepção espacial através do sistema límbico do cérebro que compõe a corporalidade a constituir a cognição espacial. Diz-se isso, em específico, ao que: “A visão tradicional do hipocampo é que ele cria um mapa cognitivo para navegar no espaço físico.”⁵ (EICHENBAUM, 2015, p. 9). Implica-se, então, ao orgânico que se defronta, em sua abertura, a uma conjunção da realidade em seu aspecto físico. Aos órgãos límbicos, perscruta-se destaque à memória, subdividida nas formas de explícita e de implícita: “O hipocampo é necessário para a formação das memórias explícitas, ao passo que várias outras regiões do cérebro, incluindo o estriado, a amígdala e o *nucleus accumbens*, estão envolvidos na formação das memórias implícitas.” (LOMBROSO, 2004, p. 207). Assim sendo, desvela-se a combinação de facetas cerebrais enquanto sentido real imerso em uma realidade socioespacial. Indica-se, ao hipocampo, a explicitação consciente: “As memórias explícitas são aquelas sobre as quais podemos falar, como o jantar de ontem à noite ou a data de um acontecimento histórico. Tais memórias envolvem o pensamento consciente.” (LOMBROSO, 2004, p. 208). Exara-se que a construção da linguagem é articulada conforme a temporalidade dos momentos conjuntados em um pensamento espacial dos acontecimentos. Chega-se ao conhecimento de ser a compreensão do espaço cognitivamente temporal.

A concepção de referência para a conexão entre os mapas cognitivos e o sistema límbico, enfatizando-se o hipocampo, é orientada a partir do proeminente e complexo trabalho de O'Keefe e Nadel (1978) acerca do mapeamento cognitivo. Em um dos sentidos consentidos, tem-se a noção do espaço psicológico: “O espaço é de fato absoluto e o princípio de uma organização inata, mas não é uma propriedade do mundo físico. O espaço para Kant é um princípio organizador inato da mente [...] *O espaço é uma forma de perceber e não uma coisa a ser percebida.*” (O'KEEFE; NADEL, 1978, p. 19, destaque nosso). Como modo, o espaço, em seu sentido social, é a própria abertura da existência

⁵ Tradução livre de: “*The traditional view of the hippocampus is that it creates a cognitive map to navigate physical space.*”

ao mundo, abertura irradiada pelo hipocampo. Nesse sentido, encontram-se as representações enquanto temporalidades do espaço pelo pensamento: “A cognição socioespacial refere-se à interação entre eu, lugar e parceiros, com ênfase no impacto do ambiente social no comportamento espacial e em como as representações espaciais individuais convergem para formar o comportamento espacial coletivo”⁶ (DORFMAN *et al*, 2021, p. 277). Acata-se que o ambiente social predomina em relação ao ambiente físico, a cognição da realidade é socioespacial: porque o espaço social constitui a psique e por ela é constituído, ou, em um conceito, transpassam-se mutuamente.

O entrono geográfico entrama-se como modo de processamento cerebral. Disso, o Eu e o Outro são interpenetrados pelos lugares enquanto tempo espacializado na cognição socioespacial vivida. Não há topofilia ou topofobia sem o confronto para com as sensações perante a percepção: e essa trama seria simples, caso o Outro fosse ignorado, pois, através da coexistência há a erupção constante do inédito às psiques tramadas. Localizam-se, esses sentimentos, às emoções estimuladas: “A amígdala é, em geral, mencionada no contexto do aprendizado do medo ou de outras respostas emocionais negativas, mas ela também participa no processamento de memórias relativas a emoções positivas.” (LOMBROSO, 2004, p. 208). Disso, perpetra-se uma fundamentação corporal, ou melhor, imanente à transcendência dos sentimentos abertos enquanto lugaridades.

Em sentido comportamental, sempre social e visceral, permite-se incorporar-se com as emoções como reflexão abstrata de sentimentos expressados: “os humanos, primeiro percebem o estímulo, havendo uma reação do organismo, e a percepção desse movimento das vísceras seria, então, o próprio sentimento.” (MIGUEL, 2015, p. 154). Consequentemente, alicerça-se que a corporalidade é exercida defronte ao circundante percebido, ainda que o lado da interpretação acometa o sentido da geopsicologia. Este outro lado, da psicogeografia, admite visionar o corpo como existente e participe do comportamento humano a partir de suas perguntas e respostas aos estranhamentos do mundo.

A entrada para se prospectarem as noções específicas, a topofilia e a topofobia, exige a colocação, aqui, primeiro da psicogeografia: do espaço à psique. Nesse sentido, é-se pertinente a leitura de Y. Tuan (2012, p. 19): “Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]”. Contudo, enquanto

⁶ Tradução livre de: “*Social spatial cognition refers to the interaction between self, place, and partners, with emphasis on the impact of the social environment on spatial behavior and on how individual spatial representations converge to form collective spatial behavior.*”

conceito, é definido por diferenças de “amplitude, variedade e intensidade do sentimento topofílico. [...] A palavra ‘topofilia’ é um neologismo útil quando pode ser definida, em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material.” (TUAN, 2012, p. 135-136). À vista disso, penetra-se na materialidade cuja ontologia humana agarra e tece seu sentimento de aproximação. É, pois, a espacialidade quem ordena e puxa a psique para sua correlação.

Por outro lado, ao quesito do sentimento, consideram-se, na topofobia, exigências patológicas do atordoamento da psique defronte à espacialidade exigente de estímulos. Para D. Trigg (2017, p. xxi), orienta-se: “A vantagem de usar o termo ‘topofobia’, no entanto, é que o conceito permanece suficientemente ambíguo para incluir todo um espectro de relações que a pessoa pode ter com o lugar”⁷. Aceita-se, assim, uma ampla relação de fobias espaciais orientadas no confronto da psique para com a materialidade do lugar. Exemplifica-se “incluindo tanto a ansiedade de ser exposta (agorafobia) e enclausurada (claustrofobia), estando na escuridão (ligofobia) ou na luz (fotofobia), e ambos de queda (vertigem) e de subida (acrofobia).”⁸ (TRIGG, 2017, p. xxi). Aos sentidos da topofobia, percebe-se a coligação com o espaço físico em suas características cuja psique defronta-as de modo aversivo, isto é, em um sentimento de afastamento que empurra de si o lugar aberto defronte a si mesmo.

Desse sentido abrem-se outros, entre eles uma compreensão socioespacial em torno da cidade e do campo como troncos dos complexos fílicos e fóbicos. Diz-se isso acerca de que, conforme as ocorrências da cidade: “Frente à ineficiência do aparelho estatal para limitar esta onda de ameaças [...] temerosos ou não, os habitantes tomam precauções, atitudes, comportamentos que inferem em práticas e sociabilidades cotidianas.” (ECKERT, 2002, p. 28). Outrossim, o campo não está impune: “O trabalho nas fazendas modernas mecanizadas é solitário e pode ser perigoso. Os veículos são a principal causa de morte nos acidentes rurais, e a solidão contribui para este perigo, porque um acidente no campo – quando a carne se entrelaça com o ferro – não recebe cuidado médio imediato.” (TUAN, 2005, p. 224). Assim, o campo e a cidade são ambientes (relações) dos meios (situações) mais compenetrados na formulação da psique a partir do espaço.

⁷ Tradução livre de: “*The advantage of using the term ‘topophobia’, however, is that the concept remains ambiguous enough to include an entire spectrum of relations a person might have with place*”.

⁸ Tradução livre de: “*including both the anxiety of being exposed (agoraphobia) and enclosed (claustrophobia), being in the darkness (lygophobia) or in the light (photophobia), and both of falling (vertigo) and of rising (acrofobia).*”

Dessa forma, imbrica-se um processo de aproximação (topofilia) ou de afastamento (topofobia) de objetividade subjetiva e de subjetividade objetiva para com os lugares. O hipocampo realiza as memórias, enquanto as amígdalas (estando mais ou menos comprimidas) incubem-se, de modo enfático, da concepção do sentimento para com a espacialidade. Em abordagens comportamentalistas da cognição geográfica, evidencia-se que: “A neurociência cognitiva forneceu técnicas adicionais para investigações entre espaço e pensamento geográfico. No entanto, a incorporação de métodos neurocientíficos ainda carece da motivação teórica, necessária para a progressão da geografia como disciplina.”⁹ (SCHINAZI; THRASH, 2018, p. 154). Conforme esse engodo teórico, versa-se a relação entre a topofilia e a topofobia como sentimentos espaciais de concepção da corporalidade neurológica em face da espacialidade psicogeográfica.

A teorização do lugar, enquanto abertura fenomênica no íterim do corpo e da consciência averiguando um sentido afetivo de ligação ou de aversão, permite tencionar a relação da neurociência para com a geografia. Penetra-se, assim: “Topofilia e topofobia resguardadas em evocações da memória e da percepção, porque a imagética decorrente transporta-nos a um tempo no qual os lugares comportavam as paisagens da vida, nas nuances do cotidiano, em suas constelações de experiências.” (GUIMARÃES, 2002, p. 136). Constrange-se em averiguar uma fenomenologia do sentimento, aos lugares, comum e não dialética, nem mesmo dual: “Das filigranas engendradas nas paisagens vividas extraímos, então, uma topofobia como algo imanente à topofilia. Para muitos destes grupos, os sentimentos topofílicos estruturam-se, mesclados aos sentimentos topofóbicos, inconscientemente” (GUIMARÃES, 2002, p. 139). Aceita-se, nesse sentido, que a topofobia encarna a topofilia, isto é, o modo da existência a partir do próprio existir para a situação das relações irradiadas em afastamento que é, já por si, enfrentamento.

Há mais. O contato entre a percepção do espaço circundante é direto para com a psique, em uma relação direta da pessoa para com o ambiente: “o caráter pessoal na relação ambiente-percepção, e daí pode ocorrer o surgimento de sentimentos para com o lugar, podendo este ser de afetividade (topofilia) ou ainda de rejeição, denominado (topofobia).” (SILVA; LOPES, 2014, p. 4). Primeiro, há a existência, enquanto corpo-consciência, para, nos feixes de relações com a ambiência, desvelarem-se os sentimentos. A partir de que “o corpo interage com seu ambiente, ocorrem

⁹ Tradução livre de: “Cognitive neuroscience has provided additional techniques for investigations of spatial and geographic thinking. However, the incorporation of neuroscientific methods still lacks the theoretical motivation necessary for the progression of geography as a discipline.”

mudanças nos órgãos dos sentidos, como nos olhos, nos ouvidos e na pele; o cérebro mapeia essas mudanças, e assim o mundo externo ao corpo adquire indiretamente alguma forma de representação dentro do cérebro.” (DAMASIO, 2011. p. 58). Com isso, chancela-se que as expressões físicas do entorno se dão, não somente, na espacialidade material, mas também, na corporalidade material: o cérebro é condição da espacialidade dos sentimentos.

Percebe-se aqui um embate a ser dito de modo explícito: a concepção de neurociência para com a geografia não evoca um retorno à geografia da percepção aos moldes positivistas! Isso porque se defende, ao menos neste trabalho, a concepção crítica da neuro-geografia através de um “engajamento sustentado e crítico entre neurociência e a geografia sensível a questões de subjetividade situada, poder, desigualdade e diferença.”¹⁰ (PYKETT, 2018, p. 1, versão da autora). De modo salutar, enlaça-se que: “Nesse sentido, para uma neuro-geografia crítica, a ciência cognitiva é mais o objeto de estudo do que o meio pelo qual dá conta das relações homem-ambiente.”¹¹ (PYKETT, 2018, p. 25, versão da autora). Aponta-se, portanto, a participação da neurociência na psicogeografia, como conjunção somática de aspectos socioespaciais em coligações culturais relacionadas à atividade cerebral e ao ambiente humano.

Versou-se, nesta seção, acerca do espaço perante a psique no sentido da psicogeografia. Orientou-se, sobre pela neurociência, uma correspondência à configuração da psique advinda do sentido espacial em si mesma. Tanto o entronamento social – o campo e a cidade como principais tronos –, quanto a pessoa em face de si mesma (pelo cerebral), aliam-se para a sensibilidade (topofílica) e a irritabilidade (topofóbica) ao concernente da existência geográfica (pelo corporal-mental). Deveras implicado em um sentido (espaço à psique), pendular-se deve para a próxima seção, ou seja, a inversão para a circularidade com a qual engendrar-se-á um encontro não determinista da psicologia espacial ao espaço psicológico.

3. DA PSIQUE AO ESPAÇO

Certa manhã, quando Gregor Samsa despertou de sonhos inquietos, viu-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. [...] “Que aconteceu comigo?”

¹⁰ Tradução livre de: “engagements between geography, cognitive science and neuroscience establishes the rationale for a more sustained and critical engagement between neuroscience and geography sensitive to issues of situated subjectivity, power, inequality and difference.”

¹¹ Tradução livre de: “In this sense, for a critical neuro-geography, cognitive science is more the object of study than the means by which to account for human-environment relations.”

pensou. Não era um sonho. Seu quarto, verdadeiro quarto de ser humano, só um pouco pequeno demais, permanecia inalterado entre as quatro velhas e conhecidas paredes.

(Kafka, 2017, p. 7)

Certo é que os sentimentos de topofilia e de topofobia não se restringem ao espaço físico, haja vista as inter-relações dos sentimentos na circularidade devolutiva reconstruindo, de modo plenamente humano, o espaço circundante. Para começar a discussão, goza-se ao sentido de que: “não é só na conjectura social que esses conceitos se manifestam; na arte, topofilia e topofobia podem bem se apresentar.” (SILVA; COSTA; MOURA, 2013, p. 254). Nesse sentido, alcança-se uma diversa gama de trabalhos adentrando-se, na perspectiva literária, para identificarem a obra-do-mundo, manifesta e o mundo-da-obra, latente (LOPES, 2022a). Encontra-se, assim, abertura para se “analisar os espaços dentro da narrativa, através do foco da Topopatia (Topofilia e Topofobia), considerando a relação afetiva espaço-personagem.” (BORGES FILHO; SILVA, 2012, p. 559). Atenta-se, na investigação da poética (criação) da obra, levarem-se em conta tanto a criação do espaço pela autoria da obra quanto a recriação do espaço pelos personagens adentro de uma obra.

A psique demonstra, através da arte, um ressaltar muito característico de seu poder perante o espaço físico: não se limita a ele, também, modifica-o, por meio da imaginação geográfica sendo, o sujeito – em todas suas condições corpólicas, psicológicas, sociológicas e geográficas –, a base para transformação do espaço. Ainda ao prumo da literatura, contempla-se: “Isso, porque o objeto literário, cuja narrativa situa-se no tempo – seja ele cronológico ou psicológico – e espaço – que pode ser físico, social ou histórico – não existe sem a personagem de ficção” (SILVA; COSTA; MOURA, 2013, p. 254). Intenta-se ser, a arte, sobretudo a literária, um espaço criado, que irrompe uma capacidade geopsicológica por excelência, a saber, tecida da psique ao espaço. Tal psique é social: afinal, a obra literária concebe o sentido de coexistência espacial dos personagens entre si e, ademais, espacializados a seu modo.

Encontra-se, agora, um sentido de espaço psicológico (geopsicológico) afrontoso ao espaço físico (psicogeográfico). Ainda mais, entremete-se o sentido ideológico da espacialidade promovida pela psique, a exemplo, “ ‘Urbanofilia’ e ‘Urbanofobia’ na geopolítica” (SOUZA, 1994, p. 65). Com esses conceitos, pensa-se, na urbanofobia, tanto do regime nazifascista quanto da ditadura militar brasileira de 1964, ambos, derivados da topofilia e da topofobia, são sentimentos e, desse modo, a aversão ao urbano (urbanofobia) é o afastamento do sentido comum para a humanidade (SOUZA, 1994). Deturpa-se a espacialidade através de uma psique perversa, porém, igualmente, poder-se-ia

buscar o bem comum conforme a aproximação do urbano (urbanofilia) em vista de uma psique altruísta: ou, para quem preferir, engajada.

Conforme as tramas concebidas pela geopsicologia, molda-se a possibilidade de coligação tanto literária quanto crítica em uma mesma investida. Convida-se a essa trama a compreensão ecológica através do estudo de *O Sertanejo*, *O Quinze* e *Vidas Secas* (SARMENTO; MOURA, 2002). A partir da configuração da relação humana-lugar-ambiente, podem-se aprofundar as correlações da topoanálise de que: “Nesse sentido, a análise da topofobia e da topofilia no contexto da Ecocrítica e da Ecologia Humana representa as conflitantes imbricações entre os sentimentos humanos, a Literatura e o lugar-ambiente.” (SARMENTO; MOURA, 2002, p. 250). Os problemas ambientais são alertados na literatura regional brasileira destacando os sentimentos tanto de destruição (naturfóbicos) quanto de combate (naturfílicos). Mostram-se, de modo diverso, que a filia e a fobia, na irradiação existencial da própria psique, recriam a espacialidade do entorno que, embora condicionada pelo cérebro, não é determinada por ele, tendo em conta a disponibilidade de sua cognição, à poética (regida por uma ética boa ou ruim) e à crítica (promovendo confronto ao *stablishment* e rumo ao progresso).

A fim de se compreender, em específico, a atuação do espaço psicológico ao constructo individual ao coletivo, caminha-se para as dualidades agorafilia/agorafobia e claustrofilia/claustrofobia. Ao intento que “a gênese de uma topofilia ou uma topofobia que, embora distintas, não se excluem mutuamente, podendo verificar-se em relação a uma só paisagem a ocorrência destes dois sentimentos opostos, concernentes a uma só pessoa, ou grupo cultural.” (GUIMARÃES, 2002, p. 135). Com isso, percebe-se que há uma complexidade fenomenológica do sentido da existência geográfica defronte a seu sentimento a partir de sua origem: da psique ao espaço; assim passível de paradoxos geográficos.

Entre as diversas parafilias espaciais, a ágora (do grego *ἀγορά*, como praça pública: lugar aberto) e a claustro (do latim *claustrum*, parte do mosteiro: lugar fechado) acometem aos lugares expandidos ou diminuídos diante do espaço físico. Desse modo, conceitua-se a existencialidade geográfica em sua patologia, nisso: “centraliza-se ao redor da constelação de agorafobia-claustrofobia. [...] O uso da condensação e o uso do corpo como ‘localização geográfica’ do objeto perseguidor significam [...] suprimimento sensório-perceptivo para a integração do esquema

corporal;”¹² (ROLLA, 1966, p. 273-274). Com essa concepção de unidade sistemática, articulam-se fobias espaciais que alardam a distorção e a tensão da realidade: “Devido à semelhança clínica e dinâmica que esta constelação apresenta com a paranoia sistematizada, em termos de um único ponto de ruptura com a realidade, propus a esta constelação a denominação de fobias sistematizadas”¹³ (ROLLA, 1966, p. 273). Admite-se, aqui, também, a nomeação proposta ao que é a orientação espacial que está o início da abertura paranoica de mundo.

Orienta-se, ao passo de perceber o trânsito dos lugares, quer sejam abertos ou fechados, que a distorção fóbica ou fílica fazem-se presentes. Inverte-se, nesse caso, ao que: “Na paranoia da segurança há uma colonização de nosso imaginário que se rende à inexorabilidade do fechamento [...] A privatização do espaço público esvazia o que de político há nele – o espaço aberto para as discussões – a *polis*.” (VILHENA, 2003, p. 84-85). Trama-se da topofobia da espacialidade para a topofilia possível, isto é, convoca-se dizer que os lugares podem ser ressignificados, sua compreensão primeira não exige determinar-se, outrossim, a agorafobia permite uma agorafilia, tal como a claustrofobia permite a claustrofilia. Nesse rumo, digna-se a sociabilidade como fator de translocação dos sentimentos e de ressignificação topológica.

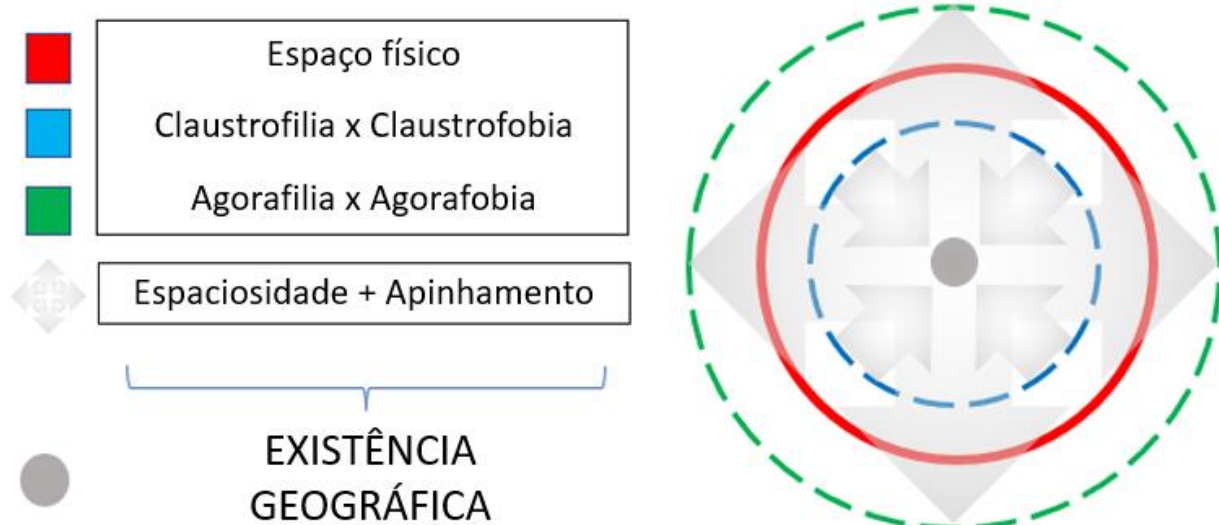
O poder de se transformarem os sentidos dos lugares está, sobretudo, na capacidade de eles serem esquecidos através de “dualidades como topofobia/topofilia e espacialidade/apinhamento” (DUARTE, 2020, p. 245). Disso, prospecta-se da infâmia à valorização dos lugares. Abre-se, também, sentido à espacialidade, modo de ser espaçoso, através da emoção da liberdade; ao revés do apinhamento, modo de ser apinhado, com a emoção da exigência. Em origem, tem-se o autor Y. Tuan (1983, p. 58), para quem: “Espaço e espacialidade são termos intimamente relacionados, como são densidade de população e apinhamento [...] são sentimentos antitéticos.” Permite-se pensar aqui como emoções, embora promovidos pelos sentimentos espaciais. Ambos são conceitos existenciais para se atrelar a geograficidade das emoções espaciais aos sentimentos topológicos.

¹² Tradução livre de: “*se han centralizado alrededor de la constelación agorafobia-claustrofobia. [...] El uso de la condensación y el uso del cuerpo como ‘ubicación geográfica’ del objeto persecutorio, significan [...] un suministro sensorperceptivo importante para la integración del esquema corporal;*”

¹³ Tradução livre de: “*Por la similitud clínica y dinámica que esta constelación presenta con las paranoiassistematizadas, em cuanto a un punto único de ruptura con la realidad, he propuesto para dicha constelación la denominación de fobias sistematizadas*”.

Assente-se com estas profusões, tanto dos lugares como sentimentos, haja vista sua imanência à transcendência quanto dos espaços como emoções, devido à transcendência à imanência. Observa-se, para tanto, a Figura 1 como ilustração das mudanças espaciais para além da noção do espaço físico. Os atributos do espaço e do lugar são interpenetrados, a saber, é a distorção (fílica ou fóbica) do lugar ocasionada a partir da espacialidade moldável da existência geográfica irradiada. É-se, pois, a concepção aqui defendida, de que a ontologia do espaço é o lugar!

Figura 1. Topofobia e Topofilia



Fonte: produção nossa

Com o intuito de complexificar, imputa-se a concepção psico-socioespacial, isto é, a percepção espacial socialmente concebida. O indivíduo aspira ao coletivo, haja vista que “a essência humana é social, logo, boa parte das concepções, da visão de mundo, é apresentada desde cedo pela família e, no convívio social, nas demais instituições, ao qual se faz parte no decorrer da vida, o que vem ampliar estas concepções.” (TORRES, 2009, p. 74). Verifica-se, portanto, que “se entende o espaço e o ambiente como atores sociais, isto é, eles não são neutros, mas atuam sobre as sociedades e os sujeitos que os produziram, construíram e organizaram.” (PELUSO, 2003, p. 321). Ao espaço, circulam-se tanto sua irradiação para a psique quanto sua irradiação da psique, em um movimento – ao menos aqui – dialético de constituição da existência geográfica. Imbrica-se o social como a própria circularidade do mundo, marcando as situações relacionais (psique ao espaço) do ambiente e as relações situacionais (espaço à psique) do meio.

Decerto, guia-se já rumo a uma nova circulação, transformadora em espiral, da espacialidade e da lugaridade em suas dinâmicas. Percebem-se, diante disso, a movimentação intersubjetiva

(psique) e a interobjetiva (espaço), em interpermeação, conforme “a urgência de uma reflexão sobre as questões socioespaciais que consideram sua existência relacional, as suas trajeções e hibridizações entre o imaterial e o material.” (BALBI; FERRARA, 2018, p. 31). Aliam-se, claramente, a psicogeografia e a geopsicologia ao intento da psicologia socioespacial em vista de uma concepção circular e social de apreensão da correlação entre a ciência geográfica e a ciência psicológica.

Teceu-se, por fim, o caminho da investigação da existência geográfica consoante ao seu sentido psicológico de formação espacial com íterim social. É-se, posto assim, a vinculação do espaço psicológico como resoluto ora maior e ora menor que o espaço físico, ao que a psicologia espacial é comprimida ou dilatada socialmente. Encontra-se, também, o processo artístico da geograficidade, pela criação de espaços além do físico: como obras literárias e, até, os espaços extra-além, de cada personagem em uma obra. A topofilia e a topofobia desvelam tanto processos poéticos quanto patológicos, sendo bases fenomênicas para a psique-socioespacial de atentos críticos à constituição geoexistencial: de cada um, a sua maneira, existindo e experienciando o complexo (ou, às vezes, simples) sentido do *viver*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão da distinção da geografia psicológica, conforme o sentido geopsicológico da psique ao espaço e da psicologia geográfica, a partir do sentido psicogeográfico do espaço à psique; versam-se dois modos interpenetrados e intransponíveis de tessitura da relação entre a psicologia e a geografia. Entremete-se, aqui, uma outra concepção, imputada à circularidade, ao encontro da psicologia socioespacial que delinea, com o íterim social, as dinâmicas da existência geográfica à coexistência geográfica: quer seja em um espaço produzido ou criado. Circulam-se, portanto, espaço e psique em uma configuração metodológica de articulações tanto objetiva da subjetividade quanto subjetiva da objetividade.

Permite-se, assim, abrir o psicogeográfico através das relações da espacialidade (o entorno social e o corpo cerebral) ao encontro da psique, possibilitando a orientação neurocientífica acerca do sistema límbico em seus processos de constituição da espacialidade (pelo hipocampo) e da lugaridade (topofílica e topofóbica), sobretudo pelas amígdalas. Torna-se importante lembrar ser, a inserção social, a muniadora da saúde ao aparato cerebral de interligação do mundo para com a existência. Nisso, insere-se a neuro-geografia crítica para as concepções da sensibilidade e da irritabilidade do espaço à psique; ao sentido da transformação da psique a partir do espaço.

Ao passo contrário, conduz-se ao geopsicológico da espacialidade (da psique para o corpo cerebral e o entorno social) à frente do psico-socioespacial. Aqui, encontra-se a distorção e a tensão do espaço a partir da psique, criando espaços e introjetando sentimentos enquanto lugares, em enfática a partir do espaço além enquanto obra literária e, ademais, ao espaço extra-além enquanto aberturas de cada personagem de uma obra. Isso sempre em vista os principais troncos do mundo geográfico: o campo e a cidade. Criam-se, inclusive, sentidos sociais como urbanofilia e urbanofobia em orientação, respectivamente, do engajamento e da dissimulação ao planejamento socioespacial. Guiam-se, também, às patologias espaciais: agorafobia e agorafilia – tal como as parafilias espaciais: agorafilia e a claustrofilia –; através das significações e ressignificações do entorno comumente entronados

Consente-se, por fim, aos perpasses circulares e à concepção que transborda os limites do espaço físico, já que, tanto os sentimentos filicos quanto os fóbicos transitam na ontologia do espaço, enquanto lugaridades tecidas em rumos fenomenológico-dialéticos encontrantes na experiencialidade da existencialidade geográfica: espaço e psique. Este estudo, porém, marca apenas um prelúdio que exige aprofundamentos tanto nos procedimentos quanto e, sobretudo, na investigação de mais fenômenos psico-socioespaciais adentro da teoria aqui discorrida. Espera-se, ao menos, ter dado consistência ao panorama de múltiplas inserções que perfaz a ligação entre psicologia e geografia, uma possibilidade multidisciplinar.

REFERÊNCIAS

BALBI, Thiago; FERRARA, Lucrécia; Por uma teoria psicogeográfica da comunicação. **Intertexto**, Porto Alegre, n. 41, p. 14-34, 2018.

BOMFIM, Natanael. A psicogeografia como trajetos metodológicos: dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos, “fora da escola”. **Ciência geográfica**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 191-203, 2020.

BORGES FILHO, Oziris; SILVA, Nilfan. Topofilia e topofobia em O Hobbit, de J. R. R. Tolkien. **Revista Let. & Let**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 559-575, 2012.

CAMARGO, Alexandre. Geografia Psicológica das Alterações Climáticas: personalidade, identidade, resiliência e percepção de risco nos universitários portugueses e brasileiros. 2020. **Tese** (Doutor em Geografia e Planejamento Territorial) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2020.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEBORD, Guy. Introdução a uma crítica da geografia urbana. *In*: JAQUES, P. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, p. 39-42, 2003.

DORFMAN, Alex *et al.* *Social spatial cognition*. **Neuroscience & Biobehavioral Reviews**, v. 121, p. 277-290, 2021.

DUARTE, Tércila. Teoria geral do esquecimento: identidade, espaço e memória no romance de Agualusa. **Littera Online**, São Luís, n. 21, p. 245-269, 2020.

ECKERT, Cornelia. Cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 1-32, 2002.

EICHENBAUM, Howard. *The Hippocampus as a Cognitive Map ... of Social Space*. **Neuron**, v. 87, n. 1, p. 9-11, 2015.

FRÉMONT, Armand. **La Région espace vécu**. Manchecourt: Flammarion, 1999.

GUIMARÃES, Solage. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **GEOSUL**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, 2002.

HARDY, Georges. *La Géographie Psychologique*. Paris, Gallimard, 1939.

HELLPACH, Willy. **Geopsique: o homem, o tempo e o clima, o solo e a paisagem**. 6ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1967 [1911].

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Via Leitura, 2017.

KOZEL, Salette. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. **Geograficidade**, v. 3, Número Especial, p. 58-70, 2013.

LOMBROSO, Paul. Aprendizado e memória. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 26, n. 3, p. 207-210, 2004.

LOPES, Jahan. Geografia e hermenêutica: Ibn Khaldun, por amor ao Magreb. **Geografia (Londrina)**, v. 31, n. 2, p. 67-86, 2022a.

LOPES, Jahan. Psicologia socioespacial: a existência geográfica no meio ambiente. **Geoconexões (Online)**, v. 1, p. 170-188, 2022b.

MIGUEL, Fabiano. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015.

O'KEEFE, John; NADEL, Lynn. **The Hippocampus as a cognitive map**. Oxford: Clarendon Press, 1978.

OLIVEIRA, Lívia. Percepção ambiental. **Geografia e Pesquisa**, v. 6, n. 2, p. 56-72, 2012.

PELUSO, Marília. O potencial das representações sociais para a compreensão interdisciplinar da realidade: Geografia e Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 321-327, 2003.

POL, Enric. *Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): From First Birth to American Transition*. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, Barcelona, v. 7, n. 2, p. 95-113, 2006.

PYKETT, Jessica. *Geography and neuroscience: critical engagements with geography's 'neural turn'*. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 43, n. 2, p. 154-169, 2018.

RENTFROW, Peter. *Geographical psychology: exploring the interaction of environment and behavior*. **American Psychological Association**, Washington, p. 3-11, 2014.

ROLLA, Edgardo. *La construcción de símbolos en las fobias*. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 273-279, 1966.

ROTTERDAM, Erasmo. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Lafonte, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SANZ, Alejandro. Diagnóstico sobre concienciación ecológica y propuesta didáctica para su mejora en un aula de cuarto curso de Educación Primaria. 2018. **Monografía** (Graduação em Educação primária) – Universidad de Valladolid, [S. l.], 2018.

SARMENTO, Elisângela; MOURA, Geraldo. Topofobia e topofilia em *O Sertanejo, O Quinze e Vidas Secas*: contributos interdisciplinares à Ecologia Humana. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 39, p. 238-253, 2002.

SCHINAZI, Victor; THRASH, Tayler. *Cognitive neuroscience of spatial and geographic thinking*. **Elgaronline**, Queensland, p. 154-174, 2018.

SILVA, Edilane; COSTA, Érika; MOURA, Geraldo. Topofobia e topofilia em "A Terra", de "Os Sertões": uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. **Soc. & Nat.**, Uberlândia, v. 26, n. 2, p. 253-260, 2014.

SILVA, Gerson; LOPES, Claudivan. Topofilia e topofobia: um estudo da percepção ambiental de alunos no ensino médio em Paçandu – PR. **Cadernos PDE**, Paraná, p. 3-24, 2014.

SORRE, Maximilien. A adaptação ao meio climático e biossocial: geografia psicológica. In: MEGALE, Januário (org.). **Max Sorre: geografia**. São Paulo: Ática, p. 29-86, 1984.

SOUZA, Marcelo. 'Urbanofilia' e 'Urbanofobia' na geopolítica: as cidades e a urbanização no pensamento geopolítico alemão do entre-guerras e na geopolítica brasileira do regime de 64. **Anuário Igeo**, v. 17, p. 65-72, 1994.

TORRES, Rozalia. A Geografia e a Psicologia: aproximações através do uso da Associação Livre para o estudo das Representações Sociais. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 34, p. 57-76, 2009.

TRIGG, Dylan. **Topophobia: a phenomenology of anxiety**. London: Bloomsbury, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

VILHENA, Junia. Da claustrofobia à agorafobia: cidade, confinamento e subjetividade. **Revista Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 77-90, 2003.

*Artigo recebido em: 20/01/2023.
Aceito para publicação em: 24/04/2023.*